

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA**  
**PORTUGUESA**

**CAMILA KETLY PEREIRA BISPO VIEIRA**

**VOZES MARGINALIZADAS E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE “QUARTO  
DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

**PICOS – PI**

**2025**

CAMILA KETLY PEREIRA BISPO VIEIRA

**VOZES MARGINALIZADAS E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE “QUARTO  
DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Aucélia Vieira Ramos

**PICOS – PI**

**2025**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**V658v** Vieira, Camila Ketly Pereira Bispo.

Vozes marginalizadas e resistência: uma análise crítica de "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus / Camila Ketly Pereira Bispo Vieira – 2025.

29 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB  
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em Letras, Picos, 2025.

"Orientadora: Profa. Dra. Aucélia Vieira Ramos"

1. Análise crítica-quarto de despejo. 2. Literatura brasileira. 3. Carolina Maria de Jesus. I. Vieira, Camila Ketly Pereira Bispo. II. Ramos, Aucélia Vieira. III. Título.

**CDD 869.9**

**Elaborada por Maria Leticia Cristina Alcântara Gomes**  
**Bibliotecária CRB nº 03/1835**

## SUMÁRIO

|                                                                                                                              |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                   | <b>6</b>  |
| <b>2. EXPLORANDO A ACD: TEORIA SOCIAL DO DISCURSO OU AS ABORDAGENS<br/>TEÓRICAS DE ANÁLISE DE DISCURSO .....</b>             | <b>8</b>  |
| <b>2.1 DEFINIÇÃO TEÓRICA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO .....</b>                                                            | <b>9</b>  |
| <b>2.2 O PAPEL FUNDAMENTAL DO DISCURSO NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO<br/>.....</b>                                          | <b>11</b> |
| <b>2.3 REVELANDO AS DINÂMICAS DE PODER E IDEOLOGIA: UMA PERSPECTIVA<br/>NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO .....</b>             | <b>13</b> |
| <b>3. PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>                                                                                        | <b>15</b> |
| <b>3.1 A VOZ PERÍFERICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E O IMPACTO DE<br/>“QUARTO DE DESPEJO” NA LITERATURA BRASILEIRA .....</b> | <b>16</b> |
| <b>4. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES .....</b>                                                                                | <b>17</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                         | <b>26</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                                  | <b>27</b> |

## ***ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO***

Às 14:00 horas do dia 29 de janeiro do ano de dois mil e vinte e cinco na sala virtual via mett, sob a presidência da professora Aucélia Vieira Ramos, reuniu-se a banca examinadora de defesa de artigo de autoria da aluna: **CAMILA KETLY PEREIRA BISPO VIEIRA**, do curso de Letras desta Universidade com o título: **VOZES MARGINALIZADAS E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE “QUARTO DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Aucélia Vieira Ramos (Orientadora – Presidente)**, **Ludmila Santos Andrade (1º Examinadora-Interna)** e **Emanoel Pedro Martins Gomes (2º Examinador-Externo)**. Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo a aluna obtido às seguintes notas: **10,0 (DEZ)**; **10,0(DEZ)** e **10,0 (DEZ)**. Apuradas as notas verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **10,0 (DEZ)**. E para constar, eu, **AUCÉLIA VIEIRA RAMOS**, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos.

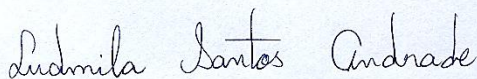
Picos, 29 de janeiro de 2025.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora



---

Presidente



---

1º examinador



---

2º examinador

## VOZES MARGINALIZADAS E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE “QUARTO DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Camila Ketly Pereira Bispo Vieira <sup>1</sup>

Prof. Dr<sup>a</sup>. Aucélia Vieira Ramos <sup>2</sup>

**RESUMO:** A literatura, através das palavras, é uma arte capaz de demonstrar as profundas nuances dos indivíduos de uma sociedade, ultrapassando os limites sociais de cada comunidade, indo além de características linguísticas, dado que é preparada para percorrer caminhos de desejo e sonhos. No meio desse contexto literário, nasce “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, uma obra atemporal, que permite refletir sobre a vida social e os discursos que permeiam sobre si e sobre o outro, uma obra que não só revela as desigualdades sociais, como também evidencia as vozes esquecidas no bueiro social. Mediante da necessidade de analisar os discursos presentes na obra em seu contexto histórico e social, propõe-se compreender as desigualdades sociais e o papel transformador desses discursos. Fundamentando-se na Análise Crítica do Discurso, que visa identificar as marcas linguísticas relacionadas ao poder e a ideologia. O presente trabalho, utiliza a Análise Crítica do Discurso como arcabouço teórico e metodológico, com o intuito de examinar os discursos sociais, políticos e culturais presentes na obra, procurando enxergar as representações e os diálogos que transparece a sociedade brasileira. E tem como objetivo geral: analisar quais discursos atravessam ou ecoam na obra “*Quarto de Despejo*”, de Carolina Maria de Jesus, à luz da Análise Crítica do Discurso. Dessa maneira, por meio desta análise, como base teórica, utilizamos a ACD para analisar a realidade social evidenciada na obra, da mesma forma descrever a maneira como a representação social, a política e a cultural são evidenciadas por meio da linguagem na obra de acordo com Análise Crítica do Discurso e identificar na escrita de Carolina Maria de Jesus os discursos que representam ou reforçam desigualdades sociais que ocorriam naquele contexto brasileiro. A metodologia utilizada tem caráter bibliográfico, firmando-se em uma pesquisa de cunho qualitativa, seguindo por um caminho descritivo-interpretativo. A fundamentação teórica apoia-se em Batista *et al.* (2018), Dijk (2005), Fairclough (2001), Orlandi (2005), Santos (2011) e Wodak (2004). Mediante uma análise dos discursos evidenciados na obra, buscamos observar o discurso e sua representação social, reconhecendo como a Análise Crítica do Discurso pode contribuir para essa compreensão em uma multiplicidade de contextos.

**Palavras-Chaves:** Análise Crítica do Discurso; Carolina Maria de Jesus; Quarto de Despejo.

### 1 INTRODUÇÃO

Um projeto estético-literário proporciona uma fidelidade particular à liberdade de expressão, pois a literatura pode ser um campo de representações das concepções, visões e discursos de sua

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Professora pesquisadora do Curso de Letras/Inglês (CEAD-UFPI), Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), em Picos-PI, lotada na Coordenação do Curso de Letras.

época. Assim, esse contexto literário enriquece a formação da língua, visto que, através da escrita, se organiza uma identidade social de uma comunidade específica, como menciona Eco (2003). Com isso, a literatura contemporânea, tal como a clássica, dispõe de características que atravessam as fronteiras sociais, ressaltando em cada discurso as singularidades de cada autor.

Assim, no amplo contexto literário, nasce a obra “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, sendo uma peça seminal da literatura negra brasileira que transcende o relato pessoal para se tornar um testemunho eloquente das lutas e das esperanças daqueles à margem da sociedade, no qual o discurso, se constrói como uma voz de resistência da autora periférica. O discurso neste contexto vai muito além de uma descrição da dura rotina, adquirindo um profundo senso crítico e reflexivo, em que a linguagem, direta e crua, é permeada de intensidade emocional que evidencia a dor e a injustiça de uma vida estagnada na pobreza e na exclusão social.

Ao imergir na obra, compreendemos como Carolina Maria de Jesus calcula suas vivências de uma forma que proporciona lugar de fala aos marginalizados, confrontando os esqueletos de poder que rodeiam as desigualdades sociais. Sendo assim, objetivamos analisar os discursos políticos, culturais e sociais enfatizados na obra “*Quarto de Despejo*”, de Carolina Maria de Jesus, a fim de identificar como são evidenciados os processos de identidade, exclusão social e resistência no cenário brasileiro. Para embasar essa análise, adota-se como base teórica a Análise Crítica do Discurso, uma vez que possibilita observar as formas e práticas linguísticas que desvelam as relações de poder, ideologias e desigualdades sociais.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar quais discursos ecoam na obra “*Quarto de Despejos*”, de Carolina Maria de Jesus, à luz da Análise Crítica do Discurso. Sendo assim, por meio dessa análise, investigamos como a ACD contribui na análise da realidade social presente no livro, da mesma forma descrever como a representação social, a política e a cultura são evidenciadas por meio da linguagem na obra de acordo com Análise Crítica do Discurso, bem como identificar na escrita de Carolina Maria de Jesus os discursos que ressaltam as desigualdades sociais que ocorriam naquele contexto brasileiro.

Diante disso, quanto à forma como os dados foram coletados, a pesquisa se desenvolveu de uma maneira bibliográfica com um caráter qualitativo-descritivo-interpretativo, focado na análise textual do discurso. O propósito desta investigação é analisar, por meio da Análise Crítica do Discurso, o discurso crítico e sua representação na sociedade descrita no livro “*Quarto de Despejo*”, a qual precisa ser avaliada quanto a sua importância, originalidade e viabilidade de resposta social, como pontua Santos e Silva (2011).

Por conseguinte, nesta pesquisa, a fundamentação teórica está alicerçada em: Batista *et al.* (2018), Bakhtin (2006), Dijk (2005), Fairclough (2001), Orlandi (2005), Santos (2011) e Wodak (2004). “*Quarto de Despejo*” instiga a necessidade de indagar as condições de vida, assim como destacar a função do discurso na conscientização social. Pois, ao estabelecer isto, as teorias da Análise Crítica do Discurso ajudam a formular uma compreensão da obra em si e das complexas interações entre literatura, sociedade e política no Brasil do século XXI.

A pesquisa se justifica como fundamental, pois objetiva pontuar a carência de uma análise dos discursos sociais, culturais e políticos ressaltados na obra sob um olhar da Análise Crítica do Discurso, que, ao ser utilizada, tem o intuito de desvendar os discursos exilados e os enredos submissos presentes na obra “*Quarto de Despejo*”, de Carolina Maria de Jesus, sendo provável contextualizar a obra imersa nas modificações históricas e culturais do Brasil. A autora, ao evidenciar sua rotina na favela, narra suas vivências pessoais, da mesma forma que apresenta uma crítica pautada nas desigualdades sociais.

## **2 EXPLORANDO A ACD: TEORIA SOCIAL DO DISCURSO OU AS ABORDAGENS TEÓRICAS DE ANÁLISE DE DISCURSO**

Análise Crítica do Discurso é uma área que está ligada diretamente ao contexto social que o sujeito está inserido, mas antes de adentrarmos neste quesito, iremos conceituar a Análise do Discurso, que segundo Orlandi (2005) é a palavra em uso, ou seja, uma ação linguística em processamento, pois investigar o discurso é observar a capacidade humana na linguagem verbal. Percorrendo por esse viés, Análise do Discurso (AD) é um apontamento teórico-metodológico destinado aos estudos das práticas linguísticas, pesquisando como são aplicadas para desempenhar significados e retratar aspectos sociais, culturais e ideológicos. Desta forma, a Análise do Discurso diverge da Análise Crítica do Discurso por seguir um percurso mais complexo, que promove uma visão mais crítica do mundo e da relação entre os indivíduos sociais.

A Análise do Discurso possui o objetivo de compreender a maneira como os textos são produzidos e reproduzidos, sejam orais, escritos ou visuais. Pois este campo de estudo analisa o conteúdo explícito, a sua forma, o seu emissor e os fatores que o compõe, uma vez que tal abordagem corrobora para a intervenção do contexto sócio-histórico na construção dos discursos, pontuando as transformações ocasionadas pelas normas, valores, crenças e relações de poder existentes na sociedade, como menciona Orlandi (2005). Essa conceituação evidencia a habilidade de modificar as necessidades humanas e suas diferentes realidades, através da ligação entre sujeito e ambiente, uma



vez que o indivíduo é assujeitado pelo próprio discurso e não como criador primário, como pontua Orlandi (2005). Nesse sentido, esclarecemos que Análise do Discurso (AD) investiga as diversas maneiras de inferir significados por meio da linguagem, conceituando o contexto de produção de sentidos desses sujeitos que constitui uma sociedade, pois o discurso não se comporta sobre as características sociais, mas ressalta as multiplicidades discursivas com o qual dialoga.

Em decorrência disso, a Análise do Discurso Francesa (ADF), pontua a ampliação linguística, pois pesquisa as especificidades formais do texto e examina suas próprias singularidades textuais. Esse enfoque analisa as particularidades linguísticas e os métodos retóricos, evidenciando a forma como esses elementos são utilizados nas construções de significados e nas representações dos contextos sociais, culturais e políticos. No entanto, neste campo de pesquisa discursiva, emerge diferentes correntes e metodologias relacionadas ao uso do discurso, cada uma com um enfoque em métodos específicos, como por exemplo a Análise Crítica do Discurso, que centraliza seu objetivo nas relações entre discurso, poder e ideologia, estudando como o discurso é produzido e reproduzido para contestar as relações de dominação social, já que o indivíduo é moldado pelo ato discursivo que profere e agrega seus próprios discursos de acordo com as intenções entre sujeito, discurso e contexto social.

A Análise Crítica do Discurso se diferencia da Análise do Discurso, porque segue um caminho desafiador e complexo, possibilitando uma compreensão crítica do mundo como uma linguagem que influencia e é influenciável pelas opiniões sociais, políticas e ideológicas. Com isso, ao pesquisar os discursos por um olhar crítico, a teoria discursiva proporciona revelar as relações de poder e construir um entendimento da maneira como a linguagem é modelada e transforma os sujeitos. Apontamos que a ACD e AD possuem características em comum, mas divergem em outros pontos, como ressalta Batista, Sato e Melo (2018).

## **2.1 DEFINIÇÃO TEÓRICA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

A definição teórica da Análise Crítica do Discurso é utilizada para fundamentar o discurso marginalizado na obra abordada, assim como pontuar os contextos que são apresentados ao longo da narrativa. Originados dos estudos linguísticos, a Análise Crítica do Discurso pesquisa as relações de poder implícitas e explícitas nos discursos sociais e a forma como essa relação modifica e são modificadas pelos contextos sociais, culturais e históricos.

Desse modo, percorrendo por um caminho histórico, a ACD se consolidou na década de 1990 como um meio internacional de estudos. Sendo assim, como menciona Batista, Sato e Melo (2018), este momento iniciou-se quando um grupo de estudiosos linguistas, como por exemplo: Teun Van

Dijk; Gunther Kress; Ruth Wodak; Theo Van Leeuwen e Norman Fairclough se encontraram para formular novas ideias, resultando em uma nova forma de analisar os discursos e os textos, pois leva em conta a função da linguagem nessas definições linguísticas sociais.

Entretanto, alguns pontos da Análise Crítica do Discurso são encontrados antes da Segunda Guerra Mundial, pois o objetivo de estudo na linguagem e no discurso foi introduzido pela “Linguística Crítica”, que nasceu no fim dos anos 70, como pontua Van Dijk (2005). Com isso, a Análise Crítica do Discurso não é definida como uma instrução particular ou domínio aproximado de outros métodos, pois procura acrescentar uma abordagem diferente para teorizar, analisar e aplicar em todo campo de estudo.

Sustentamos esta pesquisa de acordo com os princípios da Análise Crítica do Discurso (ACD), que segundo Van Dijk (2005), a ACD é uma pesquisa capaz de distinguir como os fatores de poder social são implementados, reproduzidos e praticados por meio da linguagem verbal e não verbal, que estão dentro do contexto social e político. Dado que a ACD é compreendida como o uso da linguagem em movimento, pois este “uso” é entendido como as atitudes dos indivíduos que são geradas por meio dos textos no interior das ações sociais.

Assim como Van Dijk (2005), Batista, Sato e Melo (2018) mencionam que o objeto de estudo da ACD não se restringe à interligação verbal e não reduz à seleção de termos impregnados de ideologias, aplicados tanto pelos preconceitos quanto pela dominação. Entretanto, a ACD objetiva a exposição dos fenômenos sociais, revelando a maneira como o discurso, enquanto manifestação linguística em uso, contribui para uma construção que ressalta as interferências sociais.

Sendo assim, como argumenta Batista, Sato e Melo (2018), a Análise Crítica do Discurso (ACD) configura-se como a síntese de concepções teóricas e metodológicas, com o propósito de cartografar as interligações entre a utilização da linguagem e as dinâmicas de poder na estrutura social. Trata-se de uma abordagem teórica e metodológica, que engendra uma análise conceitual acerca da função da linguagem nas interações sociais e também proporciona ferramentas para a interpretação textual, ou seja, para esta perspectiva do discurso, a unidade mínima de análise é o texto.

O texto emerge como o foco de investigação da Análise Crítica do Discurso (ACD), uma vez que é por meio dos textos, em suas diversas tipologias, que viabiliza o estudo das interações e relações sociais, abarcando suas variações e ideologias subjacentes. Destaca-se, assim, a íntima relação entre texto e sociedade, pois a incorporação do contexto social nas análises textuais é crucial para descrever, explicar, revelar e interpretar os diferentes discursos sociais.

Em conformidade com as colocações anteriores, como pontua Batista, Sato e Melo (2018), esta concepção da Análise Crítica do Discurso (ACD) contempla a interdependência dialética entre discurso e sociedade, visto que ambas as esferas influenciam mutuamente. Dessa forma, a ACD direciona seu foco para esta relação, pois busca examinar as relações estruturais, evidentes ou latentes de discriminação, poder e controle que se manifestam nos discursos. Concordando com os autores mencionados acima, Wodak (2004) conceitua o texto como um ponto internalizado na perspectiva de estudo da ACD, pois diz que:

“Uma importante perspectiva em ACD é que, muito raramente, um texto é resultado do trabalho de apenas uma pessoa. As diferenças discursivas são negociadas nos textos; elas são regidas por diferenças de poder que são, elas mesmas, em parte codificadas e determinadas pelo discurso e pelo gênero. Consequentemente, os textos costumam ser espaços de luta uma vez que guardam traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle.” (Wodak, 2004, p. 237)

Em vista disso, na Análise Crítica do Discurso (ACD), a compreensão de que um texto é frequentemente o produto de múltiplas influências repercute como uma advertência para não subestimar a complexidade das interações discursivas. Ao negociar as diferenças do discurso, os textos se transformam em palcos, nos quais as relações de poder são manifestadas como testemunhas silenciosas das batalhas ideológicas que permeiam a sociedade. Nesse sentido, é indispensável o reconhecimento que cada palavra e escolha linguística é um reflexo das dinâmicas sociais e dos sistemas de crenças que rodeiam o discurso. Assim, ao desvendar as camadas de significado embutidas nos textos, é ressaltado os meandros da linguagem, como também as estruturas de poder que moldam a compreensão coletiva acerca do mundo.

## **2.2 O PAPEL FUNDAMENTAL DO DISCURSO NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

O discurso na ACD é uma ferramenta perspicaz utilizada para investigar e compreender a maneira pelo qual o poder, a ideologia e as relações sociais são entrelaçadas por meio da linguagem. A Análise Crítica do Discurso, estabelece-se como um terreno intelectual interdisciplinar, combinando os princípios da linguística, da ciência política, da sociologia e da teoria crítica com o intuito de examinar os atos discursivos em contextos sociais específicos.

Por conseguinte, o termo “discurso” na análise Crítica do Discurso, apresenta duas concepções distintas: uma abstrata, que o posiciona como uma expressão importante da vida social; e a outra como concreta, pois define o discurso como uma manifestação particular ligada aos interesses individualista de cada sujeito, já que ao empregar o termo no singular faz referência ao período específico dessas ações, conforme elucidado por Batista, Sato e Melo (2018).

Dessa forma, o vocábulo “discurso” é um seguimento de palavras, entendido como um fenômeno complexo, porque envolve aspectos linguísticos e aspectos sociais. Fairclough, um dos principais estudiosos da ACD, sugere uma junção entre a análise linguística e a teoria social do discurso, com o intuito de compreender o significado e a função discursiva dentro dos contextos sociais, como afirma Batista, Sato e Melo (2018):

“Em ADC, discursos tem sentido de texto e de interação porque Fairclough reúne a análise linguística e a teoria social do discurso para conceitua-lo. O termo, então, abandona qualquer sentido de neutralidade. Por isso, em ADC, discurso é linguagem como forma de prática social, e não puramente individual ou situacional.” (Batista, Sato e Melo, 2018, pág. 57)

Diante disso, tal combinação implica que o discurso não é neutro, isto é, não se restringe apenas a transmitir informações objetivas, mas está sempre inserido em relações de poder, ideologia e contexto social. Assim, na Análise Crítica do Discurso o discurso é entendido como uma forma de prática social, o que significa que ele espelha e perpetua dinâmicas sociais mais amplas, ao invés de ser apenas uma expressão individual ou situacional. Torna-se um ato expressivo, ou seja, a maneira como as pessoas se comunicam entre si sobre um determinado tema e constrói uma múltipla faceta das práticas sociais.

Com isso, essas condutas sociais não se restringem ao que é verbalizado, mas englobam as dinâmicas de poder, as convicções, os valores e os rituais presentes nas instituições sociais, como é observado por Batista, Sato e Melo (2018). Em resumo, o ato discursivo na Análise Crítica do Discurso é destacado como uma ferramenta fundamental para compreender o contexto em que a comunicação é gerada, isso se dá ao revelar as circunstâncias sociais e históricas que influenciam o discurso, demonstrando como é moldado por fatores de poder, ideologia e valores. A compreensão da comunicação transcende as meras palavras; é essencial considerar o contexto social, histórico e institucional em que a comunicação ocorre para compreender plenamente seu caráter ideológico e suas implicações.

Sendo assim, como afirma Bakhtin (2006) a comunicação não é um processo individual, mas um ato de troca que ocorre entre os sujeitos sociais, em específico o falante e o ouvinte. Uma vez que o discurso, compreendido pelo ouvinte, passa a ser acrescentando de diversas maneiras por esse sujeito, e tal interação ocorre no exato momento em que acontece a comunicação entre os indivíduos, revelando uma natureza discursiva dialógica da linguagem, no qual o falante e ouvinte produz o significado de maneira conjunta.

Dessa forma, o ouvinte possui o poder de compreender o que foi dito pelo falante, transformando e incorporando as suas próprias interpretações sobre os discursos. Neste momento de comunicação, o falante e o ouvinte têm papéis ativos na composição dos significados, pois o diálogo

é fundamental para que essa construção produza sentidos desenvolvidos dinamicamente e coletivamente. A natureza da linguagem que Bakhtin (2006) apresenta evidencia que o ato comunicativo é aberto às diferentes interpretações e às negociações resolvidas entre os sujeitos envolvidos, uma vez que a comunicação é um processo de interação contínua que prossegue de acordo com a troca dos discursos entre os interlocutores.

### **2.3 REVELANDO AS DINÂMICAS DE PODER E IDEOLOGIA: UMA PERSPECTIVA NA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Os textos evidenciam os discursos que pontuam as desigualdades sociais de poder e ideologia. Nesse sentido, a denominação de poder ultrapassa a mera ideia de controle e dominação, no qual, abrange uma complexa variedade de interações sociais, influências e dinâmicas que têm efeito sobre a linguagem e a comunicação. Diante do apresentado, a nomenclatura “poder” está intimamente relacionada ao conceito de hegemonia, já que esse método focaliza as características ideológicas que os textos podem internalizar de acordo com os diferentes meios de dominação, pois está conectado a habilidade de influenciar e dar forma às atitudes discursivas e aos sistemas de significado dentro de uma comunidade social, como menciona Batista, Sato e Melo (2018).

O poder é visto como algo relacionado às características da vida social e ao mesmo tempo intrinsecamente ligado à linguagem e ao discurso. Por exemplo, o poder deve ser exercido por meio da imposição de alguns discursos dominantes que comprovam determinadas concepções de mundo, valores e hierarquias sociais. Tais discursos refletem e reforçam diálogos de poder, perpetuando discursos de desigualdade social, como afirma Fairclough (2001):

“O conceito de hegemonia nos auxilia nessa tarefa, fornecendo para o discurso tanto uma matriz – uma forma de analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder, isto é, se essas relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes – como um modelo – uma forma de analisar a própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que produz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes. Isto fortalece o conceito de investimento político das práticas discursivas e, já que as hegemonias têm dimensões ideológicas, é uma forma de avaliar o investimento ideológico das práticas discursivas. A hegemonia também tem a virtude notável, no presente contexto, de facilitar o estabelecimento de um foco sobre a mudança.” (Fairclough, 2001, pág. 126)

Diante desse contexto, o conceito de liderança proporciona uma estrutura e um modelo que procura compreender o discurso e a sua relação com o poder e a ideologia. A hegemonia, nestas circunstâncias, estabelece uma base para a análise do discurso dentro de um ambiente social com o intuito de examinar as vinculações de poder presentes nos diversos discursos.

A hegemonia também proporciona um modelo de compreensão do próprio discurso como uma luta pelo poder, isso resulta em uma ação discursiva que ultrapassa à comunicação e se organiza como um espaço, no qual, distintos grupos buscam impor suas ideologias de mundo e transformar os atos discursivos vigentes. Em síntese, na Análise Crítica do Discurso, o poder é compreendido como uma força dinâmica que está dentro da comunicação, influenciando e sendo influenciado por diversos contextos sociais, políticos e culturais, pois entender esses meios de poder é essencial para uma análise crítica dos discursos.

Seguindo por outra perspectiva, por meio da ideologia, deve-se examinar os discursos que salientam as desigualdades sociais, porque esta ação discursiva tem relação com quem está proferindo o discurso, para quem é falado e qual a finalidade do diálogo. A ideologia na ACD se conecta com as crenças, valores e visões de mundo que são internalizadas e transmitidas pelo discurso. Desse modo, como pontua Batista, Sato e Melo (2018), analisar os textos significa levar em consideração quais são as vozes representadas nos discursos, uma vez que é um compilado de ideias abstratas, como também um conjunto de práticas discursivas refletindo e reproduzindo as relações de poder, dominação e hierarquia em uma sociedade.

Os pesquisadores da Análise Crítica do Discurso procuram distinguir a forma que as ideologias se manifestam e reproduzem em diferentes textos, como por exemplo: os discursos políticos, os meios de comunicação e na própria literatura, entre outros tipos textuais. Tal concepção envolve na análise dos textos um conteúdo de manifestação, como menciona Fairclough (2001):

“As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia.” (Fairclough, 2001, pág.121)

Em concordância com o trecho acima, as ideologias são sistemas de crenças e valores que sustentam as estruturas sociais, entretanto, de acordo com Fairclough (2001), não é todo discurso que possui um teor de ideologia, pois as ideologias estão inteiramente relacionadas aos atos de dominações. Por conta disso, à medida que os indivíduos desenvolvem uma compreensão crítica e são capazes de refletir sobre o sistema de poder e dominação, esses sujeitos têm a habilidade de ultrapassar os poderes já existentes.

Assim sendo, de acordo com Batista, Sato e Melo (2018), tais ideologias retratam os meios pelos quais os sentidos e os significados são aplicados para estabelecer as relações de dominação. Além disso, a Análise Crítica do Discurso esclarece uma atenção com o papel das ideologias na autenticação e naturalização das hierarquias de poder. A ACD também se dedica a estudar como as ideologias são confrontadas por meio da linguagem, através de uma análise dos antigos métodos e

discursos escolhidos por diferentes grupos sociais, no qual, pode entender os desafios ideológicos em curso e a emergência de novas maneiras de significação e identidade.

Nessa perspectiva da Análise Crítica do Discurso, a ideologia é compreendida como um meio dinâmico que influencia e é influenciada, desenvolvendo um papel crucial na propagação e na mudança dessas estruturas. A ACD, sendo uma abordagem que estuda os elementos linguísticos, teorias sociais e a crítica cultural, evidencia a necessidade da linguagem e dos discursos na criação e o seguimento dessas desigualdades, pois a análise crítica da ideologia na ACD, revela essas diferenças sociais ressaltados nos discursos, como também proporciona um entendimento aprofundado das estruturas de poder que as mantêm.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa adota um método qualitativo-descritivo-interpretativo, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) para o campo qualitativo, o principal foco não está em números ou estatísticas representativas, como é comum na pesquisa quantitativa. Entretanto, o objetivo é mergulhar profundamente na compreensão de um grupo social, organização ou outro contexto específico. Assim como, utilizamos uma abordagem voltada para análise textual do discurso, que por sua vez, procura associar, desassociar, construir e desconstruir os significados de um texto a partir de uma análise crítica, como é mencionado abaixo:

“Isto é, que permitem investigar aspectos do mundo considerando seus aspectos qualitativos. Esse conjunto abarca vários tipos de práticas interpretativas que permitem transformar aspectos do mundo em representações por meio das quais podemos entendê-los, descrevê-los e interpretá-los.” (RAMALHO E RESENDE, 2011, pág.74).

Isto é, métodos de pesquisas que são capazes de analisar o mundo profundamente e subjetivamente, levando em consideração as suas qualidades e significados, e não se reduz a basear por meios de dados quantitativos e objetivos. Diante disso, após a leitura da obra literária, procuramos analisá-la sob a luz teórica da Análise Crítica do Discurso, mas especificamente a maneira como o discurso modela as diversas realidades sociais.

Dessa maneira, por meio dos trechos selecionados no livro “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, discutimos sob a luz da ACD como são viabilizados os discursos ideológicos, racistas e desiguais. Assim sendo, os sujeitos irão se apresentar por meio desses discursos, que não vêm unicamente de uma bolha social privilegiada, mas, muitas das vezes, tais discursos são perpetuados entre os indivíduos que estão à mercê desse quarto de despejo.

Além disso, para a realização deste projeto de pesquisa, recorreremos a uma revisão sobre as perspectivas teóricas de estudiosos relacionados à teoria utilizada. Quanto à forma como os dados foram coletados, os trechos foram escolhidos para representar os discursos marginalizados que evidenciam as relações de poder, as ideologias e as desigualdades sociais. A pesquisa se desenvolveu de uma maneira bibliográfica, como postula Santos e Silva (2011), o conceito de pesquisa bibliográfica é destacado pela abrangência de todas as publicações dentro de um determinado campo do conhecimento, como jornais, boletins, panfletos, revistas, teses, dissertações e monografias.

A partir dessa perspectiva, quanto aos objetivos evidenciados neste estudo, é necessário realizar um estudo geral à luz da Análise Crítica do Discurso com o intuito de identificar os discursos que ecoam entre as entrelinhas da narrativa, assim como, apresentar as desigualdades sociais daquele contexto e a maneira como a linguagem é utilizada para produzir tais enunciados.

### **3.1 A VOZ PERÍFERICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E O IMPACTO DE “QUARTO DE DESPEJO” NA LITERATURA BRASILEIRA**

*Quarto de Despejo*, ao contrário de outras histórias que seguem a mesma temática, evidencia a rotina de uma família que viveu na favela do Canindé, em São Paulo nos anos 90. A história é escrita pela autora Carolina Maria de Jesus, que nasceu em Minas Gerais, por volta de 1914, e Posteriormente se mudou para São Paulo para ser empregada doméstica, onde, por consequências do destino, passou a trabalhar como catadora de papel e outros tipos de lixos recicláveis.

Carolina Maria de Jesus só pôde estudar até o segundo ano do ensino fundamental, por conta da sua formação encontramos na narrativa da autora uma linguagem coloquial e objetiva, assim como erros gramaticais que foram mantidos em todas as edições do seu diário para expressar maior realismo e atingir em certos momentos um lirismo e força expressiva, e é dessa forma que a autora se insere na literatura brasileira.

Diante disso, é retratado o cotidiano desta família, Carolina Maria de Jesus e seus três filhos, no qual a autora, por meio da escrita, encontrou uma maneira de eternizar a sua complexa rotina. O livro aborda a dura realidade da escritora, bem como os moradores da favela do Canindé entre 1955 até 1960, onde os costumes, a violência, a miséria, a fome e as dificuldades enfrentadas são retratadas de uma forma atemporal, já que a cidade de São Paulo cresceu, mas até os dias atuais, o contexto de quem sobrevive na miséria permanece o mesmo.

Em relação à estrutura do livro, nele não encontramos uma separação por capítulos como é o costume em narrativas literárias. O diário de Carolina Maria de Jesus é dividido por dias no ano de



1955 até meados do ano 1960. Nessa decorrência de tempo, a autora escreve de acordo com a sua vontade, já que não são todos os dias que são descritos, por conta disso temos uma narrativa peculiar e completamente individual, uma vez que não se assemelha à nenhuma outra obra literária. As descrições da rotina da autora, nos permite encontrar uma desigualdade pura e escancarada, através do que acontece com Carolina Maria de Jesus e seus filhos ao decorrer do dia. Com a escrita, a escritora encontrou uma maneira de fugir da sua realidade, e, de uma certa maneira, denunciar as desigualdades sociais e os diversos tipos de preconceitos que presenciou ao longo da sua jornada.

#### **4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES**

Em concordância com o que foi exposto até este ponto, o discurso é visto como uma prática social, e, portanto, repercute as ações dos sujeitos sociais, o ciclo de produção e reprodução, como afirma Batista, Sato e Melo (2018). Dessa maneira o ato discursivo é posicionado como um ato que não é desassociado do seu contexto social, uma vez que representa a circulação dessas práticas discursivas em uma determinada situação, no qual, veicula os discursos com as regras sociais e as funções desses papéis na sociedade.

A Análise do Discurso, como pontua Orlandi (2005), procura compreender a língua exercendo algum sentido, pois o discurso é a palavra em ação. Uma vez que não é estático, mas sim algo que vive em constante mudança, indo além de uma simples tarefa comunicativa e interativa. Com isso, a Análise Crítica do Discurso surge da necessidade de questionar os discursos que pontuam as desigualdades sociais, visto como um meio de persuasão, convencimento ou até mesmo causador de mudanças no meio social.

Na discussão presente neste trabalho, os discursos sociais, sendo eles: racistas, que evidenciam discriminação baseada na raça; preconceituosos, que ressaltam os julgamentos fundados em estereótipos contra outros grupos; e desiguais, que reforçam as limitações dos direitos e oportunidades, tais discursos são representados na obra “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, onde pontua nitidamente, por meio dos trechos escolhidos, o problema social que tanto atinge as classes marginalizadas, assim como reflete uma desigualdade profundamente impregnada na sociedade brasileira. O discurso, enquanto linguagem, possui o poder de desvelar os fenômenos sociais, onde agrega e desagrega nessas construções, como menciona Batista, Sato e Melo (2018).

Entretanto, é necessário posicionar esses sujeitos, os seus papéis e, principalmente, seu contexto, pois assim o discurso emerge para compreender nas entrelinhas dos textos as estruturas sociais. Isso pode ser exemplificado em um trecho que evidencia as dificuldades financeiras sofridas

por Carolina Maria de Jesus, onde as tensões da vida surgem quando as necessidades básicas não são atendidas por falta de um emprego digno ou de políticas sociais, que, naquela época, eram mais difíceis de acontecer. Dessa maneira, no trecho abaixo temos uma narrativa simples, mas cheia de significados, pois deixa escancarado os problemas que eram vigentes no ano de 1955:

**TRECHO 1:** *15 de julho de 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.*

Neste trecho, temos uma data comemorativa marcada pela dificuldade financeira enfrentada por Carolina Maria de Jesus, que representa tantas outras mulheres pretas periféricas. O desejo de proporcionar um simples par de sapatos à sua filha, Vera Eunice, é atravessado pela necessidade de consumir alimentos básicos para sobreviver, onde a autora revela, por meio da frase “*Atualmente somos escravos do custo de vida*”, que para viver dignamente é necessário abrir mão de vontades primárias para possuir algum segundo de felicidade.

Dessa maneira, através da Análise Crítica do Discurso, notamos neste trecho uma linguagem utilizada para revelar situações de poder e desvantagens, que são manifestadas nas ações por meio da linguagem usada, como pontua Batista, Sato e Melo (2018). Neste trecho, além das dificuldades sofridas por Carolina Maria de Jesus, ocorre uma denúncia do problema social presente nesta época, no qual posiciona à autora em um lugar decisivo para compreender articulações sociais que leva às injustiças vivenciadas por Carolina Maria de Jesus, uma mulher preta e periférica que lutou constantemente pelo desejo árduo de ter o básico para viver.

Carolina Maria de Jesus, assume o papel do seu próprio discurso no contexto social, um lugar que proporciona aos leitores um entendimento direto acerca dessas articulações sociais, pois sua luta pelo básico se dirige a todas as pessoas que sobrevivem em situações semelhantes, que enfrentam diariamente obstáculos para possuir o mínimo para viver dignamente. A autora é peça fundamental na relação entre classe social, raça e gênero que constitui uma sociedade desigual, no qual narra sua dor de maneira explícita, mas que também acusa de forma pessoal uma comunidade racista e excludente.

A relação dinâmica entre o falante e o ouvinte neste processo de comunicação que fazemos todos os dias, permitiu que os filhos de Carolina Maria de Jesus também tivessem consciência da situação desproporcional que eles subsistem, uma vez que passam a ser agentes ativos que interagem diariamente com os discursos da sua mãe, como pode ser pontuado na seguinte citação:

“(…), O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante.” (BAKHTIN, 2006, pág. 271)

Sendo assim, este ponto é importante para ACD, pois se preocupa em estudar e compreender a linguagem como uma maneira de transmitir as informações, mas também sendo estabelecida como um instrumento de poder. O discurso, seja ele proferido por um adulto ou apenas uma criança tem a influência de manipular ou sensibilizar os sujeitos. Esta ideia pode ser representada no seguinte trecho retirado do livro:

**TRECHO 2:** *Não sou dada a violência. O José Carlos disse: - Não fique triste mamãe! Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da senhora. Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora.*

Neste ponto, temos a presença de um discurso que tenta confortar sua mãe das atrocidades que os rodeiam, onde o ouvinte - José Carlos - concorda com o discurso proferido pela falante - Carolina Maria de Jesus -, que neste momento de interações está discutindo com os vizinhos, pois eles questionam-na sobre a maneira como cria os seus filhos. Assim sendo, a posição responsiva do seu filho acerca do assunto compreendido por meio da linguagem estabelecida, informa a questão desigual e o desejo de ter um sonho comum.

O discurso crítico, expressado por meio da linguagem do José Carlos, evidencia uma reação que não é neutra e reflete a desigualdade implícita neste ato discursivo. Levando em consideração o contexto social vivenciado pela autora e sua família na década de 90, posiciona-os como falantes e ouvintes que reagem, compreendem e expressam suas mágoas e desejos, através dos princípios da ACD é possível notar discursos que procuram transformar a sua própria realidade social e cultural em um contexto mais humano.

Sendo assim, seguindo por uma linha mais crítica, a Análise Crítica do Discurso procura entender como essas práticas discursivas são relacionadas com as estruturas sociais e as relações de poder, reafirmando que a linguagem não é neutra, pois recebe influência do falante e do ouvinte se tornando um reflexo de ideologias, como menciona Fairclough (2001). Com isso, o seguinte trecho evidencia um discurso carregado de contraposições entre a realidade e sonhos, pois o discurso de Carolina Maria de Jesus expressa um desejo de dignidade social:

**TRECHO 3:** *O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço, já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel.*

O discurso transposto neste trecho ressalta os sinais de um ideal de classe média, ligado a uma ideia de conforto, status e sucesso. Entretanto é revelado algo impossível, o que é relacionado às questões econômicas, políticas e sociais que limitam suas conquistas e sua mobilidade social. Através do verbo *habituar*, que está conjugado no trecho na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, reflete que a autora aceitou e naturalizou à sua condição.

Na ACD, essa naturalização é vista como um exemplo da maneira que a linguagem interfere nessas relações de poder, da mesma forma estuda a internalização ocorrente nestes grupos sociais, como é mencionado na seguinte citação:

“Além disso, o discurso como prática política é não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta” (Fairclough, 2001, pág.94)

O discurso, como prática política é esse espaço de interação entre a comunidade, tais relações de poder são construídas e naturalizadas por grupos sociais que negam a existência desses problemas. Fairclough (2001) pontua que a maneira como nos comunicamos e os costumes linguísticos que usamos são áreas de disputas, em que as ideologias dominantes são reforçadas ou até mesmo desafiadas. Portanto, o discurso exibido no trecho acima é um importante meio para propagar transformações nas estruturas de poder e ideologia.

Carolina Maria de Jesus ao dizer que está satisfeita com o emprego que possui, exala esse processo de naturalização, pois adota uma posição de subordinação perante as condições estruturais. O discurso de aceitação pautado na frase “*Já faz oito anos que cato papel*” representa uma linguagem de resignação, o que é interpretado como um discurso ideológico de conformismo com a situação. A ACD analisa esse discurso de uma maneira que afirma essa desigualdade e exploração, algo que é reforçado pela comunidade por meio da naturalização da extrema pobreza e da marginalização de algumas profissões.

Além de todas as questões que foram pontuadas até aqui, a partir de trecho retirado do livro podemos notar o preconceito racial escancarado no meio social, como também um movimento de resistência que a autora implementa durante toda a sua autobiografia, o seguinte trecho representa essa discriminação racial.

**TRECHO 4:** *"Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo belo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta".*

De acordo com o trecho acima, observamos uma situação de preconceito racial, no qual Carolina Maria de Jesus é menosprezada e desqualificada por ser uma mulher preta, isso pode ser exemplificado na frase *"É pena você ser preta"* que evidencia uma visão discriminatória, sugerindo que a cor da pele é um empecilho para o sucesso profissional. Essa concepção é ligada aos discursos dominantes, que têm o objetivo de relacionar aspectos negativos e limitações sociais a cor da pele. Dessa forma, o substantivo feminino *"Pena"* é carregado de uma ideia de inferiorização a pessoas pretas, algo que é considerado comum em contextos de racismo estrutural.

Concordando com o que Fairclough (2001) relata sobre naturalização, a ACD interpreta esses discursos preconceituosos como atos discursivos que são naturalizados e reproduzidos em variáveis formas de interação social. Sendo representadas por um processo que apresenta essas desigualdades e relações de poder como situações naturais, óbvias ou até mesmo inevitáveis. A naturalização neste trecho ocorre pelo simples fato que a frase não questiona esse aspecto racializado da sociedade, como se ser preta fosse algo ruim ou errado, deixando de lado a problematização que tal frase carrega para dar abertura a uma naturalização que é rotineira e passa despercebida no cotidiano social.

Em oposição à visão estereotipada dos outros – diretores de circo -, Carolina Maria de Jesus traz uma reapropriação positiva da sua identidade, evidenciado nas frases *"Adoro a minha pele negra"* e *"Meu cabelo é belo rustico"* expressando essa ideia de autovalorização, que se torna uma luta direta com as construções racistas que procuram desvalorizar pessoas pretas. Dessa maneira, sob o olhar da ACD, essa reapropriação é um discurso que contradiz os estereótipos e as ideologias racistas, já que a realidade é uma mera representação da sociedade, fazendo com que a ACD analise, compreenda e modifique essas articulações ideológicas que são excludentes, como pontua Batista, Sato e Melo (2018).

A resistência discursiva contra o racismo é pautada pela autora, quando usa a linguagem para reafirmar sua identidade preta e contrariar a hierarquia racial impregnada na sociedade. Por meio dessa reapropriação que Carolina Maria de Jesus faz, a autora subverte visões negativas e preconceituosas, a ACD revela esse posicionamento como uma subversão às normas dominantes e

mostra uma autoafirmação de empoderamento, no qual produz desempenho distinto relacionado a sua identidade, como pontua Batista, Sato e Melo (2018).

A Análise Crítica do Discurso por ser uma abordagem que verifica a relação entre linguagem, poder e ideologia, aborda os discursos sociais como reprodutores de desigualdades, que possui domínio e influência nas ideias de cada indivíduo e grupos que modificam a realidade social, como pontua Van Dijk (2005). Sendo assim, pontuamos a falta estrutural de recursos alimentícios e a consequência que esses discursos podem causar, isso pode ser evidenciado no seguinte trecho:

**TRECHO 5:** *“Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome.”*

O trecho acima retrata um cenário de privação, expressando a falta de mantimentos básicos para sobrevivência. A afirmação que Carolina Maria de Jesus profere *“Suicidar-me é por deficiência de alimentação no estomago”* é uma expressão que simboliza o sofrimento que rodeia sua rotina, da mesma maneira que se torna uma crítica explícita à condição de extrema pobreza e a desigualdade social, que evidencia uma falta de acesso a necessidades básicas e higiênicas. O discurso da autora significa dor e vulnerabilidade, pois a fome é o marco claro da desigualdade social, a possibilidade de que tais dificuldades leva ao suicídio denuncia um vínculo entre a necessidade material – não ter comida – e o estado psicológico da autora – o desespero.

Neste fragmento podemos notar que a autora não faz uma crítica direta aos responsáveis por tal condição, nem à sociedade como um todo ou ao sistema político/econômico. A fala de Carolina Maria de Jesus realça uma característica importante da ideologia que acaba naturalizando esse discurso, pois coloca a *“fome”* como um acidente de vida, uma consequência por ter nascido dentro da miséria e exclusão social.

Essa denúncia pode ser interpretada pela Análise Crítica do Discurso a partir de uma perspectiva crítica e emancipatória, onde as problemáticas sociais são causadas pelos efeitos concretos que os sujeitos suportam como resultado de uma nova ordem econômica, como pode ser expressado na citação abaixo:

"Sob a ótica da ACD, o problema social corresponde aos efeitos vividos pelos indivíduos em face da nova ordem econômica. A percepção de que o sistema não é abstrato e de que é passível de mudança requer um olhar crítico. Tais problemas são evidenciados como algo que requer soluções, atitudes emancipatórias por parte daqueles que sofrem desnivelamentos

de poder. Pessoas que carregam em suas vidas dificuldades em razão da classe, sexo, raça, língua, entre outros."(Batista, Sato e Melo, 2018, pág.130)

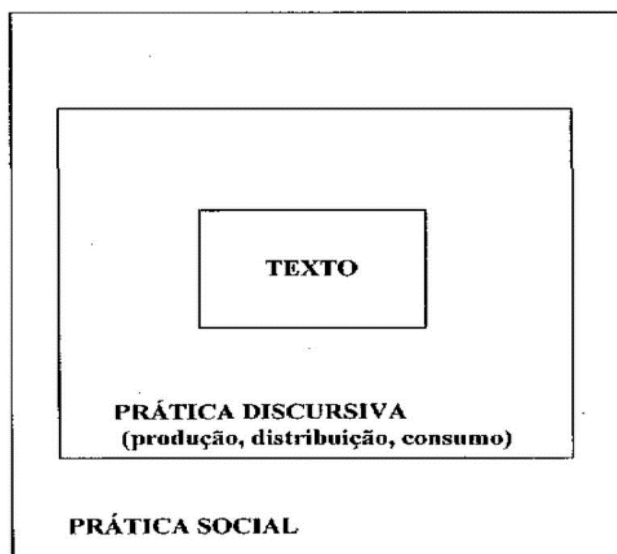
A Análise Crítica do Discurso propõe que essas transformações econômicas possuem impacto direto na vida dos indivíduos, uma vez que tais efeitos incluem a propagação da pobreza, exclusão e desigualdade social. Isso é exemplificado no discurso de Carolina Maria de Jesus, apesar de não tecer uma crítica direta aos culpados por esse dano social, podemos inferir, sob o olhar da ACD essa afirmação, no qual a ideia é evidenciar que esses acontecimentos não são isolados ou acidentais, pois são resultados diretos de estruturas econômicas e sociais que privilegiam classes ou grupos específicos, e marginalizam outros.

A situação econômica da autora evidencia uma dificuldade extrema, no qual, a falta de recursos atinge o seu lado emocional e consequentemente o seu ponto de vista. O ato de perseverar para continuar sobrevivendo pontua as relações de poder e as desigualdades sociais que as amparam, dado que, por meio da ACD, percebemos como a linguagem é construída para representar, como também sustentar as condições econômicas e sociais, notamos isso no seguinte trecho retirado da obra:

**TRECHO 6:** *Levantei as 6 horas. Estava furiosa com a vida. Com vontade de chorar, porque eu não tenho dinheiro para comprar pão. (...) Os filhos foram na escola. Eu saí sozinha. Deixei a Vera porque chover. Fui catar estopas e fui catar papelões. Ganhei 30 cruzeiros. Fiquei triste, pensando: o que hei de fazer com 30 cruzeiros?*

Neste ponto, é ressaltado por meio da descrição de Carolina Maria de Jesus, uma vida baseada na preocupação e não na subordinação, pois a autora se submete a trabalhar em empregos que são considerados precários. Da mesma forma, notamos aqui uma reflexão sobre a vida, a expressão “*Fiquei triste, pensando: o que hei de fazer com 30 cruzeiros?*” resalta um pensamento crítico sobre suas alternativas limitadas, uma vez que está implicitamente ligada a desigualdade social e econômica, pois a quantia relatada pela autora é inexistente frente às exigências para sobreviver dignamente.

Em concordância com o trecho acima, utilizaremos a concepção tridimensional do discurso, de Norman Fairclough, com o objetivo de compreender como o discurso é ligado ao poder, ideologia e as relações sociais, pois a abordagem central dessas concepções é que o discurso deve ser analisado considerando todos os aspectos que o rodeia, como por exemplo: o contexto social que está inserido, as construções sintáticas do discurso e as condições sociais, como pode ser notado na imagem abaixo, retirada do livro *Discurso e Mudança Social*, de Norman Fairclough:



Concepção Tridimensional do Discurso. Fonte: (Fairclough, 2001).

Com a ilustração da imagem, podemos observar que o discurso é estudado em três aspectos: Texto, Prática discursiva e Prática Social. De acordo com Fairclough (2001) é relevante posicionar o discurso de acordo com esses três pontos, uma vez que proferido pelo indivíduo social não deve ser analisado isoladamente, pois isolá-lo não acarretará informações necessárias para se obter um estudo comprometido com a verdade social.

O discurso como prática social, é uma dimensão textual que analisa o texto em si explícito ou implícito no próprio discurso, seja ele oral ou escrito, pois o foco nesta primeira dimensão é a linguagem utilizada pelo falante. A segunda dimensão pesquisa a maneira como o discurso é inserido em uma determinada prática social, ou seja, investiga como o discurso é produzido e reproduzido, quem são os sujeitos sociais e quais as suas posições em uma determinada sociedade. Por fim, a terceira dimensão descrita por Norman Fairclough, procura analisar as condições sociais e históricas que influenciaram a construção desse discurso, pois entende-se que os discursos são resultados de situações sociais e históricas, como afirma Fairclough (2001).

No relato de Carolina Maria de Jesus, notamos uma linguagem simples, que em alguns momentos é utilizado uma sintaxe incorreta, por isso inferimos que a autora vem de um contexto social precário e não alfabetizado corretamente, uma vez que a classe social mais provida de recursos financeiros, utilizaria uma linguagem mais formal para descrever sua rotina. Dessa maneira, o discurso proferido por Carolina Maria de Jesus entrega uma análise mais ampla, porque os discursos retratados nos seus relatos evidenciam que são produzidos e reproduzidos de acordo com as



necessidades do dia a dia, assim como ressalta que estamos diante de uma mulher preta, favelada e mãe de três filhos, e nisso, já observamos que os seus atos discursivos são produtos construídos a partir das suas condições sociais e históricas. Através dos relatos da autora é constatado que a concepção tridimensional do discurso, de Norman Fairclough, é significativa para se obter uma análise discursiva capaz de relatar todas as camadas que esse discurso é estruturado.

Apesar de todas as dificuldades sofridas e evidenciadas por Carolina Maria de Jesus, a autora nunca permitiu deixar de sonhar em ter uma boa vida, apesar que nos anos 50 o Brasil sofria uma instabilidade financeira e uma política conturbada, que refletiu diretamente nas condições de vida dos mais pobres, como pode ser ressaltado no seguinte trecho:

**TRECHO 7:** *Espero que 1960 seja melhor do que 1959. Sofremos tanto no 1959, que dá para a gente dizer: Vai, vai mesmo! Eu não quero você mais. Nunca mais!*

O relato pessoal proferido pela autora marca um sofrimento coletivo, entendemos que suas descrições não remetem apenas a ela e seus filhos, mas é a voz coletiva de uma comunidade que sofreu drasticamente com a desigualdade social. O uso da expressão “*Sofremos tanto no 1959*” e “*nunca mais*” revela uma crise causada pelas dificuldades políticas e opressões sociais, pois compreendemos que o discurso utilizado aqui reforça e ao mesmo tempo contesta as relações de poder, sendo reflexo de um passado marcado pela desigualdade social e um futuro sinalizando o desejo de mudança, mas também um elemento forte de resistência.

Por conta disso é necessário entendermos que, ao narrar sua rotina e suas preocupações, a autora lamenta a dor que vive constantemente, como também está consolidando uma resistência e sua história. Assim, o seu discurso é um símbolo de luta, onde uma simples mudança é desejada e constatada por um difícil desafio, pois os discursos refletem e reforçam as estruturas de poder, sendo uma contestação contra essas relações estabelecidas que continuam oprimindo as classes mais vulneráveis, como pontua Fairclough (2001). A busca por um novo recomeço, dispõe de um desejo humano fundamental: a capacidade de ter uma vida renovada, transformada.

Mediante a tudo que foi discutido até aqui, podemos notar que com a virada do ano, esse desejo de renovação não foi atendido, uma vez que ainda temos contato com um relato de desmotivante e discursos que presenciam experiências desiguais entre os indivíduos de uma mesma comunidade, isso pode ser compreendido no seguinte trecho:

**TRECHO 8:** *1 de janeiro de 1960 Levantei as 5 horas e fui carregar água.*

A partir desse trecho, entendemos uma rotina simples, carregada de significados contextuais, dado que a descrição caracterizada neste relato é importante e necessária para assimilarmos que as categorias construídas neste processo de análise são descritivas e interpretativas, pois ao utilizarmos uma análise de conteúdo inferimos o envolvimento desses dois métodos no discurso, como aponta Moraes e Galiuzzi (2016).

Ao mencionar “*1 de janeiro de 1960*” Carolina Maria de Jesus marca uma transição de um antigo ciclo para um novo ciclo, pois o primeiro dia do ano simboliza novos recomeços aguardado pela autora, porém ao iniciar o ano exercendo as mesmas atividades árduas, indica que o ano pode ter mudado no calendário, mas a rotina e as dificuldades continuam as mesmas. Visto que o ato de carregar água às 05:00 horas da manhã, exemplifica uma tarefa existencial e essencial para sobreviver, revelando um contexto de esforços contínuos pela falta de acesso fácil a recursos básicos, um detalhe que simboliza uma conexão com a rotina, a luta diária e persistência retratada pela autora. Com isso, essa descrição é observada como uma metáfora para a continuação da vida mediante as mudanças externas, como a chegada de um novo ano.

A renovação simbólica do calendário, as lutas e a realidade concreta da vida continuam e representam uma compreensão pela análise de conteúdo, uma vez que entendemos o fenômeno de acordo com a sua própria lógica e contexto. A análise de discurso, por sua vez, implica uma crítica externa, que revela aspectos de sobrevivência e injustiças ocultas no trecho analisado, como menciona Moraes e Galiuzzi (2016). Assim sendo, não é necessário ter um aprofundamento na observação para compreendermos que as mudanças procuradas por Carolina Maria de Jesus não vão ocorrer com a chegada de um novo ano, mas sim com os seus esforços e, principalmente, com políticas públicas eficazes para resolver as desigualdades sociais que permeiam a sua época e se tornam atemporais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos o livro “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, sob à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD), onde evidenciamos as desigualdades sociais por meio de uma pesquisa qualitativa-descritiva-interpretativa, no qual, procuramos destacar as vozes marginalizadas que foram excluídas pelas estruturas sociais. A linguagem simples utilizada pela autora é um instrumento de relato discursivo, pois Carolina Maria de Jesus descreve as condições de vida precárias e as injustiças sofrida por ela e pela comunidade do Canindé, como também a luta diária por uma dignidade que, até então é uma realidade distante e próxima da exclusão social.

Através da análise dos discursos presentes na obra, pontuamos uma mulher preta que escreve sobre a sua realidade e articula uma crítica ao sistema político e social. É por meio da sua escrita

simples, crua e direta que é denunciado a desigualdade social, a pobreza, o racismo e a invisibilidade das classes menos favorecidas. Com isso, podemos notar uma narrativa de resistência, que é construída ao longo da narrativa, onde a luta pela dignidade se torna o ponto central da história.

A Análise Crítica do Discurso (ACD), contribuiu de forma significativa para esta leitura, pois foi através da teoria que inferimos e pesquisamos os níveis de denúncia presentes nos discursos de Carolina Maria de Jesus, que forneceu peças para compreender como a linguagem refletiu e construiu as relações de poder e as representações sociais diagnosticadas pela autora. Uma vez que a ACD é uma abordagem teórica que diferencia as estruturas de poder e a maneira como o discurso é produzido e reproduzido, pois procura viabilizar um estudo crítico que evidencia as desigualdades sociais presentes em uma determinada sociedade, como pontua Van Dijk (2005).

Dessa maneira, analisamos e acreditamos que os discursos da autora vão além de um simples relato pessoal, pois é um campo de estudo dos anseios por uma vida melhor e as tensões entre as classes sociais, assim como a reprodução das desigualdades sociais. Com isso, procuramos compreender a relação entre os atos discursivos e as estruturas sociais, pois de acordo com Fairclough (2001), entendemos que a linguagem não é neutra, já que é influenciada pelo falante e ouvinte. A Concepção Tridimensional do Discurso, de Fairclough (2001) nos mostrou que os discursos são feitos de camadas, e, através dessas camadas podemos analisar minuciosamente cada aspecto dos discursos sociais. Por fim, percebemos que os autores utilizados para a fundamentação teórica da Análise Crítica do Discurso são carregados de complexidade, mas ao mesmo tempo compreendemos os significados revelados por meio dos discursos sociais e como isso ajuda diariamente a entender criticamente esses pontos emblemáticos da sociedade.

No desenvolvimento deste estudo, acreditamos ter contribuído – no que a ACD se dispõe – criticamente para uma concepção apurada que viabiliza a realidade, revela como esses discursos impactam o meio social. “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus é uma poderosa crítica social, no qual, entendemos que contribui para resolução das questões estruturais da sociedade, assim como resiste e se afirma por meio da escrita, sendo uma contribuição importante para o entendimento das desigualdades sociais e das possíveis possibilidades de transformação por meio da crítica social.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BATISTA, Ribamar Lopes Jr; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira. **Análise de Discurso Crítica: Para Linguistas e não Linguistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

- DIJK, Teun A. Van. **Discurso, Notícia e Ideologia: Estudos na Análise Crítica do Discurso**. 1ª ed. Porto: Campo das Letras, 2005.
- ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GERHARDT, Tatian Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. Ed. rev. e ampl. – Ijuí: ED. Unijuí, 2016.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. 5ª ed. São Paulo: Pontes, 2005.
- RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso (para a) Crítica: O Texto como Material de Pesquisa**. 1ª ed. Campinas – SP: Pontes, 2011
- SANTOS, Eugênio Pacelli Jerônimo; SILVA, Flávia Ferreira. **Manual de Orientações para Elaboração de TCC I e II em letras**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.
- WODAK, R. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; FIGUEIREDO, D. de C. (orgs.). **Linguagem Em (Dis)curso: Análise Crítica do Discurso**. Tubarão, v. 4, n. esp, p. 223-243, 2004.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA  
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA  
BIBLIOTECA**

**1. Identificação do material bibliográfico:**

[ ] Monografia [X] TCC Artigo

Outro: \_\_\_\_\_

**2. Identificação do Trabalho Científico:**

Curso de Graduação: LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Centro: \_\_\_\_\_

Autor(a): CAMILA KETLY PEREIRA BISPO VIEIRA

E-mail (opcional): camilavieira@ufpi.edu.br

Orientador (a): AUCÉLIA VIEIRA RAMOS

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Membro da banca: LUDMILA SANTOS ANDRADE

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Membro da banca: EMANOEL PEDRO MARTINS

Instituição: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Membro da banca: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Titulação obtida: LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

Data da defesa: 29 / 03 / 2025

Título do trabalho: VOZES MARGINALIZADAS E RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE  
CRÍTICA DE "QUARTO DE DESPEJO" DE CAROLINA MARIA DE JESUS



### 3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: ☒

Parcial: ☐. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: \_\_\_\_\_

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado\* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: PICOS - PI Data: 24 / 06 / 2025

Assinatura do(a) autor(a): Camila Kitty P. Bispo Viina

\* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).